

Líderes é que carregam piano na Constituinte

Brasília — Fotos de José Varella

BRASÍLIA — O pequeno banheiro masculino da liderança do PMDB tem sido frequentemente palco de importantes conversas políticas. Basta que para lá se dirija, numa rápida escapada em hora de aperto, o senador Mário Covas. Sua entrada funciona como senha para que amigos, políticos, assessores e até jornalistas mais íntimos tentem matar aquela conversa ou despachos protelados há tempos.

Esse recurso já se tornou comum na Constituinte, não só com relação a Covas, mas a todos que assumiram a difícil tarefa de comandar bancadas ao longo do processo de elaboração da nova Carta. "É um horror. Tem gente sempre no gabinete, na salinha reservada e até no banheiro", conta o líder do PFL, José Lourenço.

Homens que concentram as atenções dos lobistas, jornalistas, colegas e da população em geral, os líderes nem sabem mais o que é vida pessoal. "A vida não é muito fácil", atesta Covas. Brandão Monteiro, do PDT, vai mais longe: "É terrível. A vida dos constituintes já foi definida como um inferno. Os líderes, particularmente, não têm nem mesmo vida pessoal". "No nível pessoal, não vale a pena", comenta o irrequieto deputado José Genoíno, que tem assumido, na prática, a ponta de lança da liderança do PT, ocupada oficialmente pelo seu companheiro Luís Ignácio Lula da Silva.

Ritmo — As queixas são comuns: falta tempo para as mulheres e os filhos; cinema, teatro, shows, nem pensar; leitura, só de vez em quando; as festas são raras; refeições, sempre apressadas e quase nunca saudáveis; sono, cada vez menos; Sobram algumas caminhadas matinais, peladas de futebol e rápidas confidências nos noticiários.

A maior parte do tempo é ocupada com sessões da Constituinte, Câmara e



Covas: receber grupos faz parte de seu trabalho

Senado, reuniões para acordos ou mesmo articulações para a criação de um novo partido. Há ainda a leitura de documentos, quando se faz necessária a defesa de teses na batalha do voto, um dos objetivos do exercício da liderança.

Os líderes dividem as atenções dos repórteres políticos de Brasília com o todo-poderoso presidente do PMDB, Câmara e Constituinte, Ulysses Guimarães e, não raro, começam e/ou encerram o dia em programas jornalísticos. Esse ritmo já teve consequências negativas. Mário Covas, que tivera um enfarte durante a campanha em 86, teve um segundo e foi submetido às pressas a uma operação de ponte de safena. José Lourenço vive tomando remédios para controlar a pressão arterial e abandonou o cigarro, assim como Genoíno.

Telefonemas — De forma geral, todos começam o dia muito cedo. Enquanto o líder do PMDB costuma ser

acordado antes das 7h por telefonemas de jornalistas de qualquer ponto do país, que querem entrevistá-lo para seus programas matinais, o líder do PFL diz que seus eleitores, "muito carinhosos", costumam telefonar-lhe a partir das 6h30min. O líder do PDT, Brandão Monteiro, jura que nunca sai da cama depois das 6h, quando o telefone começa a tocar. Morando em hotel, José Genoíno também acorda cedo, embora esteja mais livre dos telefonemas.

"Não é fácil. Só a causa democrática nos move para enfrentar esse dia-a-dia", diz José Lourenço, que costuma chegar ao Congresso por volta das 8h30min e de lá só sair depois das 22h, com direito apenas a rápidas escapadas até a casa, em dias mais tranquilos, para um almoço corrido. "Minha família tem reclamado permanentemente. Esta é uma atividade em que a família e os amigos perdem o lugar. Não há vida pessoal", afirma ele.

José Lourenço começa a atirar às 6h

Criado por uma tia, D. Diva, o deputado José Lourenço, líder do PFL, se orgulha de dizer que sempre recebeu dela tratamento de filho. Há duas semanas soube que ela agoniza em Portugal e preparou imediatamente sua viagem. Até hoje, porém, não pôde embarcar. Retido em Brasília, para impedir qualquer deserção na bancada pefelista fiel aos cinco anos de mandato, Lourenço dramatiza seu problema pessoal: "De que vale a vida se não podemos sequer dar assistência às pessoas queridas?", pergunta, entre um e outro telefonema aos aliados do PFL.

O deputado quase não sai de Brasília, de onde comanda, com orgulho, a bancada mais governista do Congresso. São 110 votos sempre à disposição do presidente José Sarney. Para que isto aconteça, Lourenço trabalha com afinco. Começa a disparar telefonemas às seis da manhã e o primeiro vice-líder do gabinete, deputado Inocêncio de Oliveira (PFL-PE), até se assusta com a coragem de José Lourenço: "Ele telefona para ministros de Estado às 22 horas exigindo o cumprimento de compromissos com o PFL", conta.

"Olha, Thales, assim não é possível. Vou falar com o presidente porque já perdi mais de 12 votos por causa do Renato Archer", queixava-se ao assessor



Lourenço: direto e franco

Thales Ramalho há duas semanas, porque o ministro da Previdência extinguiu as sedes regionais do Inamps, transferindo as obrigações do órgão para os governos estaduais.

Fidelidade — Lourenço foi, falou, e Sarney deixou de ir a São Paulo prestigiar uma solenidade organizada por Renato Archer. Com estilo direto e franco, Lourenço não hesita diante de quem quer que seja. Ao verificar as votações do filho — Henrique Eduardo — e do genro

— Ismael Vanderlei — do ministro da Administração, Aluísio Alves, não teve dúvidas: disse a Sarney que os dois parentes do ministro, ambos deputados federais pelo PMDB do Rio Grande do Norte, tinham dever de fidelidade ao governo, do contrário Sarney deveria assumir represálias.

"Demita o Aluísio Alves", sugeriu, sem meias palavras, a Sarney, por telefone. Exagerado na maioria de suas ações, Lourenço não desanima perante seus liderados. Para ele não existe tarefa impossível. Quando se viu cercado no gabinete por pefelistas indignados porque o deputado Sarney Filho, votara com o líder do PMDB, Mário Covas, Lourenço demitiu o filho de Sarney da vice-liderança do PFL. E disse que faria de novo.

Parece feliz. Dá sonoras gargalhadas ao comentar a possibilidade de o presidente da Constituinte, Ulysses Guimarães, perder seu lugar de presidente da Câmara. Motivo: Lourenço, que tem influência sobre 90 votos no plenário, garante que não apoiará Ulysses para um novo mandato no cargo: "Não trabalho mais para ele". Ulysses convidou Umberto Souto (PFL-MG), adversário de Lourenço para uma comissão na Constituinte e levou Alcení Guerra (PFL-PR) para uma viagem à ONU. Tudo sem consultar o líder do PFL. Ele não perdoa.

Genoíno: em tudo a paixão

Brandão Monteiro, que começa o dia com um café que tem até beiju — espécie de tapioca nordestina — faz questão de, "religiosamente", dar uma "fugida" até sua casa para um almoço rápido. Já José Genoíno, morador de hotel, prefere disputar com os funcionários da Câmara um *bandejão*, que "custa 300 paus", no restaurante do anexo II.

"Tudo que eu faço é com paixão", diz Genoíno, responsável pelo maior número de discursos e apartes pronunciados na Constituinte. Ele nega que lidera de fato a bancada do PT no lugar de Lula, alegando que apenas divide as tarefas. É incontestável, contudo, que ele é o constituinte do PT com maior participação, seja no plenário ou nas reuniões de acordo, quando costuma deixar as salas com papéis nas mãos "para consultar as bases". Foi o que fez, por exemplo, na última quinta-feira, quando deixou a sala de reuniões da liderança do PMDB, procurando o *lobby* das mulheres. "Ou *lobby* incompetente. A gente quer negociar e não acha ninguém", brincou Genoíno na ausência de representantes do Conselho da Mulher, que até já o elegeu seu maior defensor.